



# Outros Textos

# **Nem Rio, nem Lisboa: a peculiar posição da Paris oitocentista no mercado dos romances em português\***

## **Neither Rio, nor Lisbon: Paris at Sixth Century and the novels in Portuguese**

PAULO MOTTA OLIVEIRA\*\*

RESUMO: ESTE TEXTO PRETENDE ABORDAR ALGUNS ASPECTOS DE UM CONJUNTO DE TEXTOS QUASE ESQUECIDOS: OS ROMANCES EM PORTUGUÊS PUBLICADOS NA FRANÇA NO SÉCULO XIX.

ABSTRACT: THIS TEXT AIMS TO THINK ABOUT SOME ASPECTS OF AN ALMOST FORGOTTEN COLLECTION: THE NOVELS IN PORTUGUESE PUBLISHED IN FRANCE IN THE NINETEENTH CENTURY.

PALAVRAS-CHAVE: FRANÇA, BRASIL, PORTUGAL, ROMANCE, SÉCULO XIX  
KEYWORDS: FRANCE, BRAZIL, PORTUGAL, NOVEL, NINETEENTH CENTURY

---

\* Este texto é fruto da pesquisa que desenvolvi com o apoio da FAPESP.

\*\* Professor Associado da Universidade de São Paulo, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Faz parte do projeto temático "Circulação Transatlântica dos Impressos a globalização da cultura no século XIX", financiado pela FAPESP. Concluiu o doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas em 1995. Realizou quatro pós-doutorados, todos com apoio da FAPESP: três de curta duração de 3 a 4 meses dois na Universidade de Lisboa e um na Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, e um quarto, de janeiro de 2013 a janeiro de 2014, na Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Defendeu a livre-docência em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo em 2006. Foi professor convidado da Université Lyon 2 em 2006. Foi Presidente da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa no biênio 2005-2007.

## D e mercados e romances

Como afirma Franco Moretti:

O final do século XVIII viu uma “primeira revolução industrial no setor do entretenimento”, escreve Peter Burke (...). Enquanto o consumo de ficção estava se tornando mais e mais *generalizado* (...), sua produção estava ficando mais e mais *centralizada*, tanto no interior de cada Estado-nação como no sistema mais amplo de Estados europeus. (MORETTI, 2003, p.181)

E, nesse sistema mais amplo, “duas cidades, Londres e Paris, dominam o continente inteiro por mais de um século, publicando metade (se não mais) de todos os romances europeus” (MORETTI, 2003, p.197).

Essa supremacia não se manifestava apenas na produção e exportação de livros em inglês e francês. Como nota Diana Cooper-Richet particularmente em relação à capital francesa:

Si Paris est connue pour avoir été la “Capitale du XIXe siècle” (...), une ville vers laquelle accourent du monde entier (...), elle l’est moins, voire pas du tout, pour avoir été, au cours de ce même XIXe siècle, une véritable épicerie d’édition et de mise en circulation d’imprimés de tout sortes en langue étrangères. (COOPER-RICHET, 2009, p.121)

Apesar dessa importância, as *livrarias estrangeiras* foram, como aponta a historiadora, até hoje, pouco estudadas: “Ce territoire très particulier de l’histoire du livre et de la presse en France est demeuré en grande partie, et jusqu’à une date récente, une *terra incognita* négligé par la plupart des spécialistes.” (COOPER-RICHET, 2009, p.121). Em especial sobre os impressos em português os estudos são raros. Além de um artigo de Cooper-Richet, “Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?”, há, tudo o indica, apenas um livro que deles trata: o *A edição de língua portuguesa em França (1800-1850)*, publicado por Vitor Ramos em 1972, composto por um ensaio crítico e pelo repertório das obras em português publicadas naquele país na primeira metade do século XIX.

Tenho trabalhado com uma parte desses impressos – as narrativas ficcionais em português publicadas na França ao longo do século XIX – pesquisa

que pude iniciar graças ao apoio da FAPESP<sup>1</sup>. Este artigo apresenta algumas das conclusões a que cheguei e tenta fornecer uma primeira visada sobre este acervo.

### Um *corpus* a construir e mapear

Foi a partir do livro de Victor Ramos que comecei a montar o meu *corpus*. Nele foram enumerados 519 títulos<sup>2</sup> em português, publicados entre 1800 e 1850, além de outros 10 que o autor não tinha certeza se haviam sido efetivamente publicados, acrescidos de 32 publicações periódicas.

Meu objetivo foi, num sentido, mais restrito: reduzi o foco, como indiquei, apenas às narrativas ficcionais em prosa – termo que, julgo, é mais apropriado que *romance* para os livros com que trabalho. Por outro lado, ampliei o espectro temporal para todo o século XIX, pois julguei que assim poderia ter uma visão mais ampla da edição de narrativas ficcionais em português na França, nesse século essencial para a construção do romance nos países de língua portuguesa. Além do livro de Ramos, utilizei o catálogo da Biblioteca Nacional de França, que confrontei com os das bibliotecas nacionais do Brasil e de Portugal, o *A tradução em Portugal* de A. Gonçalves Rodrigues, várias listas de livros publicadas nos volumes com que trabalhei<sup>3</sup> e alguns outros catálogos e listas a que pude ter acesso, entre os quais se destacam o *Catálogo dos livros da biblioteca Fluminense*, de 1866, e o *Catálogo da Livraria de B. L. Garnier de 1860*<sup>4</sup>. Graças a essas fontes consegui levantar um total de 163 narrativas ficcionais em português publicadas em Paris ao longo do século XIX. Desse total, ainda não consegui ter acesso a quatro livros, três dos quais, mesmo não tendo sido encontrados em nenhuma biblioteca, provavelmente foram

<sup>1</sup> Realizei pós-doutorado junto à Univesité Sorbonne Nouvelle, sob a supervisão da Profa. Dra. Catherine Dumas de janeiro de 2013 a janeiro de 2014, com bolsa da FAPESP.

<sup>2</sup> Utilizo o termo *título* pois Vitor Ramos listou, em sua obra, apenas as primeiras edições. Quando existiam outras, estas eram indicadas quando do lançamento da primeira.

<sup>3</sup> Era frequente que no final dos volumes fosse publicada uma lista com parte dos livros em português editados em Paris.

<sup>4</sup> Este catálogo, intitulado “Livros de educação, clássicos, de instrução, recreio da mocidade, etc., etc.,” está apenso ao segundo volume do *Compêndio de história universal* de Justiniano José da Rocha, livro publicado no Rio de Janeiro.

publicados, pois localizei várias referências a eles - *Historietas e Contosinhos para crianças que começam a ler*, João Sbogar de Carlos Nodier e a edição de 1818 de Atalá de Chateaubriand – e um que aparece em algumas listas, mas que creio que não chegou a ser publicado - *Carlos e Fanny, ou aventuras de dous meninos abandonados em uma ilha deserta* de Ducray-Duminil<sup>5</sup>. Como algumas obras tiveram mais de uma edição ao longo do século, cheguei a um total de 137 títulos, excluindo-se o último livro referido.

Após o levantamento das narrativas publicadas, pareceu-me fundamental descobrir quais seriam as obras originais e quais as traduções, e, no caso destas, que livro havia sido traduzido. Rapidamente percebi que não era uma tarefa fácil. Em parte significativa dos livros não é indicado o nome do autor, se a obra é ou não uma tradução, e, no caso de o ser, raramente aparece o nome do tradutor. Em relação aos livros mais conhecidos, a atribuição autoral é tarefa fácil, mas o trabalho se mostra mais complexo nos outros casos, em especial quando – como não é infrequente - o título traduzido não corresponde ao original. Em função dessas dificuldades, ainda não consegui descobrir a autoria de cerca de 30% dos títulos – em que se incluem quase a totalidade dos romances considerados como originais. Em relação aos tradutores, julgo que dificilmente chegarei a descobrir os nomes da maioria deles, pois, provavelmente, não mais existem os acervos das principais editoras com que trabalho<sup>6</sup>.

Até agora consegui repertoriar apenas vinte e um tradutores, responsáveis pela tradução de 48 títulos. Alguns se destacam pela grande quantidade de trabalhos realizados. O mais profícuo é Caetano Lopes de Moura: 11 romances, dentre eles seis de Walter Scott<sup>7</sup>. O segundo que mais fez traduções foi Pedro Carolino Duarte, que diferentemente de Caetano, traduziu romances de um único escritor, um padre alemão, então bastante popular, Christoph von Schmid, sete no total. Outro, que merece destaque, é José da Fonseca, que teve uma atividade mais diversificada: traduziu 5 romances, foi o revisor

<sup>5</sup> Esta obra aparece apenas na relação de livros portugueses apenas a dois dos volumes levantados.

<sup>6</sup> Foi graças a Jean-Yves Mollier – grande conhecedor dos acervos existentes em Paris – que obtive esta informação. De fato, até o momento, não consegui localizar os acervos das principais editoras envolvidas na publicação de narrativas em português.

<sup>7</sup> Os seis romances de Scott são: *O talismã*, *Os puritanos da Escócia*, *O misantropo ou o anão das pedras negras*, *Quentino Durward*, *A prisão de Edimburgo*, *Waverley ou há sessenta anos*.

da tradução de um outro, além de ter adaptado para o público infantil 3 obras - *O Gulliver dos meninos*, *O Gil Braço da infância*, e *Aventuras de Telêmaco compedi-da para o uso dos meninos* – e ser o autor de um dos raros romances originais: *Historia de D. Afonso Braço, filho de Gil Braço de Santilhana*. Para além destes, pe-los dados que até agora tenho, apenas cinco outros realizaram mais de uma tradução: Francisco Ladislau Alvares d’Andrada e Manuel Pinheiro Chagas, responsáveis por 3 traduções cada; E. P. da Câmara, António Vicente de Car-valho e Sousa e Filinto Elísio<sup>8</sup>, responsáveis por duas.

Destes oito tradutores, possuo dados apenas sobre seis, não tendo encon-trado referências biográficas sobre E. P. da Câmara e Pedro Carolino Duarte. Este, que tem uma atividade frequente de tradução e publicou em 1855, em coautoria com José da Fonseca, o *Novo guia da conversação em português e inglês*, deveria, provavelmente, morar em Paris. Dos demais, dois deles residiam em Portugal: Manuel Pinheiro Chagas e António Vicente de Carvalho e Sousa. Ambos foram escritores, tradutores e políticos em seu país. Os outros quatro moraram em Paris, por períodos mais ou menos dilatados. Filinto Elísio – ou Francisco Manuel do Nascimento, como era o seu nome de batismo – exilou-se em Paris em 1778, e lá viveu até a sua morte em 1819. Francisco Ladislau Alvares d’Andrada foi empregado da Secretaria de Estado dos Negócios Es-trangeiros de Portugal, bacharel em Filosofia e Belas Letras pela Universidade de Paris (Cf SILVA, 1859, p. 414), membro de várias sociedades francesas<sup>9</sup> e publicou em 1830, nesta mesma cidade, o jornal *A Abelha*. Caetano Lopes de Moura, *natural da Bahia*, como sempre registrou nos seus livros, foi para Paris no início do século XIX e lá residiu até a sua morte, em 1860 (Cf. YEE, LIMA, s.d.). José da Fonseca nasceu em Portugal, provavelmente em 1788, mudou-se para Paris em 1817, tendo lá residido até a sua morte em 1866 (Cf. SILVA, 1860, p.334 e SILVA, ARANHA, 1884, p.332). Assim podemos supor que existiram dois grupos de tradutores distintos que publicaram obras em Paris: um, aparentemente minoritário, composto por tradutores portugueses,

<sup>8</sup> Uma dessas traduções - *Aventuras de Telêmaco, filho de Ulysses* - Filinto fez conjuntamente com Manuel de Sousa.

<sup>9</sup> Na folha de rosto de seu livro *História de José de Faro ou o mercador ambulante* - “Imitação duma obra premiada pelo Instituto Real de França como a mais útil a todas as classes da sociedade”, o *Simão de Nântua*, de Laurent de Jussieu - , Andrada informa que era sócio da Academia Real das Ciências, Belas Letras e Artes de Orleans, Membro da Sociedade Real das Ciências e Físicas de Paris e da Sociedade Francesa de Estatística Universal. (Cf. ANDRADA, 1832).



que exerciam essa atividade em Portugal, e em geral eram também escritores, e outro composto por brasileiros ou portugueses que residiram em Paris.

A grande maioria dos livros que levantei é composta por traduções, mas ao lado destas existem, aparentemente, alguns romances originais. Vitor Ramos, em seu prefácio, havia indicado a maior parte destes. Além do já referido romance de José da Fonseca<sup>10</sup>, Ramos fez referência, numa nota, a outros sete:

*D. Raimundo Aguiar, ou os Frades Portugueses. História Original escrita por ele mesmo*, 1838; *Dom João da Falperra ou Aventuras jocosas desse célebre personagem, escritas por ele mesmo*, 1840; *Viagens e aventuras de Tristão da Cunha*, 1841; *História jocosa do celebrado Pae-Pae...*, 1848; *Dom Severino Magriço...*, 1851; *Os flibusteiros ou aventuras do capitão Caldeira*, 1851; *Viagens e aventuras dum jovem português*, 1853. (RAMOS, 1972, p.31.)

Destes, um não se trata, de fato, de um romance original: *Os flibusteiros ou aventuras do capitão Caldeira*. O livro simula um romance cujo protagonista é um português, e começa da seguinte forma: “Meus pais oriundos do Algarve foram sentar vivenda nos arredores de Montreal no Canadá” (OS FLIBUSTEIROS, 1851, p.6). A remota possibilidade de ocorrer uma emigração do Algarve para Montreal e o fato de que as referências a Portugal ou ao Brasil são poucas, sendo muito mais frequentes as que se referem à região do Caribe – tanto sob domínio francês, como sob o domínio espanhol – e mesmo sobre a África francesa ou inglesa, fizeram-me desconfiar de sua suposta lusitanidade. Composta por uma sucessão de aventuras, a última delas no Brasil, a narrativa termina com o protagonista indo morar em Nantes: “Eu embarquei em um navio que velejava para a França, onde tendo chegado felizmente, comprei uma boa quinta junto a Nantes, em a qual deslizo alegres e sossegados anos.” (OS FLIBUSTEIROS, 1851, p 206-7). Este final, se não infrequente entre os romances pretensamente originais – o protagonista de *Viagens e aventuras dum jovem português* no fim da narrativa vai morar na Suécia e o de *D. Raimundo de Aguiar ou os frades portugueses* em Amsterdã – nesta obra pareceu-me mais um indício de que ela não era, de fato, portuguesa. Na verdade, o livro é uma tradução bastante livre de *Les aventures de monsieur Robert*

<sup>10</sup> “História de D. Afonso Braz, filho de Gil Braz de Santillana, assinada por José da Fonseca, que tem o cuidado de especificar que não se trata de tradução de *La vie de don Alphonse Blas de Lirias, fils de Gil Blas de Santillane*, já em si uma imitação” (RAMOS, 1972, p.31).

*Chevalier dit de Beauchene, Capitaine des flibustiers dans la Nouvelle France* de Lesage, publicado originalmente em 1732. Bastante livre, pois não é só o início - que no romance original é “Mon père et ma mère, françois d’origine, allèrent s’établir em Canada, aux environs de Montréal, sur le fleuve Saint-Laurent” (LESAGE, 1732, p.2) - que é modificado, mas também vários trechos são resumidos e outros acrescentados. Num procedimento bastante habitual na época, em especial nos romances que pesquisei. Mas não tenho como aqui tratar desse aspecto e o desenvolverei em outro artigo.

Se descobri que esse romance não era original, consegui acrescentar, aos apontados por Ramos, outros dois: *Armindo e Florisa* e *Viagem de Lisboa a Londres e Paris*. O primeiro é o mais antigo e o único que teve duas edições – em 1803 e 1819. Foi assinado por Rodrigo Marques, que, segundo Inocêncio Francisco da Silva, é provavelmente um outro pseudônimo de Filinto Elísio<sup>11</sup>. O outro é um livro pequeno, com 15 páginas, podendo ser considerado um conto, e trata-se do único sem indicação de data de publicação. Segundo a sua ficha catalográfica na Biblioteca Nacional de França, esta deve ter ocorrido “Entre 1838 et 1848, d’après le texte et l’estampille”.

Se estamos diante de um pequeno número de obras aparentemente originais, a sua importância advém, de início, do próprio período em que foram publicadas. Os primeiros romances modernos, em Portugal e no Brasil, são da década de 40: *O Estudante de Coimbra*, de Guilherme Centazzi, foi originalmente lançado em 1840-1841, *O filho do pescador*, de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, em 1843, *Eurico o presbítero* e *A moreninha* são de 1844, o primeiro volume de *O arco de Sant’Ana* e *O moço loiro* são de 1845, *Viagens na minha terra* de 1846, *A Virgem da Polónia*, de José Joaquim Rodrigues de Bastos, o livro português que mais edições teve nas décadas de 40 e 50, de 1847. Podemos assim pensar que Paris ocupa um papel importante, e até hoje praticamente não estudado, na construção do romance em português. E nesse aspecto é especialmente interessante o esquecimento em que caiu *Armindo e*

---

<sup>11</sup> “RODRIGO MARQUES, que parece ser pseudônimo, pois que nenhum dos nossos bibliógrafos faz menção de tal escritor, nem de cousa que lhe seja relativa. Sob este nome publicou Francisco Manuel do Nascimento uma novela (provavelmente de composição própria sua) com o título (...) Verdadeira história dos sucessos, de Armindo e Florisa, escrita em França por um parente de ambos em 1588— Saiu primeiro em folheto separado, e foi depois inseria nas *Obras, completas* de Filinto Elísio, tomo IX da edição de Paris.” (SILVA 1862, p.176)



*Florisia*. Mesmo que se possa ter dúvidas sobre a sua atribuição, ele de qualquer forma foi publicado por Filinto Elísio em suas obras completas, e trata-se de uma narrativa que – no gosto romântico – narra um amor que não pôde se concretizar pois os dois enamorados pertenciam a famílias que, mesmo tendo sido próximas no passado, estavam então em conflito. Essa disputa acaba por levar os dois enamorados à morte. Se a linguagem do livro não é a habitual nos romances oitocentistas, a obra, pela data de sua publicação – bem anterior aos primeiros romances brasileiros e portugueses – e pelo enredo que reelabora Romeu e Julieta em terras portuguesas - o que anos mais tarde, com muito maior brilhantismo, Camilo Castelo Branco faria em *Amor de Perdição* - merece ser recuperada.

Para além destes breves comentários, não tenho condições de aqui tratar das possíveis relações entre os romances produzidos no Rio de Janeiro, em Lisboa e em Paris nesse período. Como pretendo avaliar o conjunto dos livros publicados nesta última cidade, creio ser mais importante, neste momento, pensar sobre as possíveis relações entre estas narrativas e os dois países que, então, tinham o português como língua oficial.

## De livros que viajam e apostas que se perdem

O *Correio Oficial de Goyaz*, publicado em 20 de janeiro de 1875, apresenta uma “Relação dos livros existentes no Gabinete Literário Goiano até a presente data”. Apesar de não serem indicadas as cidades em que os livros arrolados foram publicados, treze foram, certamente, publicados em Paris, pois os títulos e o número de volumes são idênticos aos publicados nessa cidade<sup>12</sup>. (Cf. CORREIO OFFICIAL, 1875, p.1-4)

Se parece surpreendente uma penetração dos romances publicados em França em território tão remoto, quando nos aproximamos da corte os números se tornam ainda mais eloquentes. O já referido *Catálogo de livros da biblioteca Fluminense*, de 1866, apresenta 40 romances publicados em Paris, o que

---

<sup>12</sup> *A condessa de Charny; Corina, ou a Itália; O derradeiro Moicano; Ivanhoé; Os Incas, ou a destruição do império do Peru; A nova Heloísa ou cartas de dois amantes; A prisão de Edimburgo; O Piloto; Os Natchez, história americana; Setma ou a jovem turca; O solitário; A senhora de Preto e O talismã.*

corresponde aproximadamente a um terço do total das narrativas publicadas até então em França. Um número muito próximo – 39 títulos - pode ser encontrado no Catálogo dos livros a venda na Livraria de B. L. Garnier de 1860, também já anteriormente referido.

Estes dados mostram que as narrativas ficcionais em português, produzidas na França, atravessavam o Atlântico e conseguiam chegar mesmo a cantos remotos do Brasil. Ainda não tive a oportunidade de consultar catálogos portugueses do período, mas creio que, até pela maior proximidade, os resultados não devem ser muito diversos.

Com um enorme mercado consumidor, a produção francesa de romances em português parecia estar com o seu futuro assegurado. Não foi bem isso o que aconteceu. Essa produção foi bastante oscilante durante o século XIX. Apresento, na página seguinte, o gráfico que fiz a partir dos dados que pude levantar.

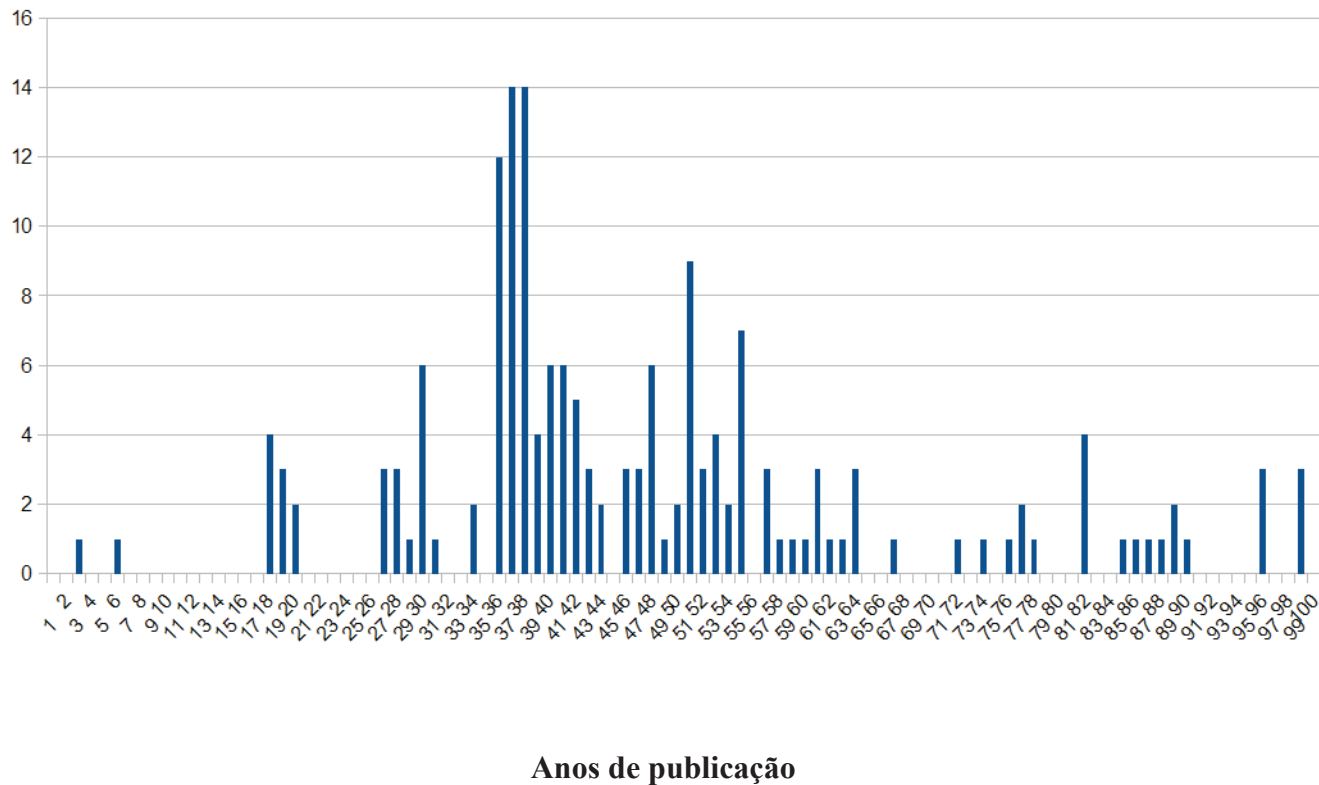
Podemos dividir o gráfico acima em 3 setores: até 1835 e após 1864 temos publicações esporádicas. Nos primeiros 35 anos do século foram publicados 27 romances, nos 36 anos finais, 24.

É em meados do século, nos 29 anos que vão de 1836 a 1864, que se encontra a fase mais produtiva. Este período, parece-me, ser dividido em quatro momentos.

Após 3 anos (1836-1838) com 40 livros publicados, seguem-se outros seis (1839-1844) com uma produção média bem menor, 26 livros. Após um ano sem nenhum lançamento, temos uma década (1846-1855) em que são publicados 40 romances, e, por fim, após outro ano sem nenhuma publicação, 8 anos (1857-1864) em que são publicados 14.

Ora, se o início e o final do século mostram uma média de romances publicados – em torno de dois romances a cada três anos – algo de peculiar ocorre em meados do século. Se normalmente se escreve sobre a *ascensão do romance*, as quase três décadas que vão de 1836 a 1864, depois de uma ascensão breve e fulgurante, são um bom exemplo do inverso, do *declínio do romance*: após um curto período em que são publicados mais de treze títulos por ano, esta média cai para quase quatro e meio, depois recua para quatro, para finalmente terminar em menos de dois romances por ano. Como explicar uma história tão bizarra?

**Gráfico 1**  
**Romances publicados de 1801 a 1900**



Julgo que uma explicação possível é levar em conta que, como havíamos apontado no início deste artigo, no século XIX existe um mercado editorial que é transnacional – incluindo pelo menos a Europa e a América. As publicações *em português* feitas em Paris fazem parte de um mercado mais amplo, que inclui, nessa época, dois grandes outros polos produtores: Portugal – principalmente representado por Lisboa - e Brasil – em que o Rio de Janeiro tem um papel preponderante. Poderíamos ainda incluir outras cidades – com Londres e Leipzig – mas o seu peso, pelo que até agora pude pesquisar, parece não ser significativo ao longo de todo o século.

Nesse mercado específico ocorre um fato interessante: Paris não é centro, depende do seu potencial mercado consumidor e do que nele ocorre. O mercado é, como indicou Moretti, *mais e mais centralizado*, mas centro aqui está no Rio e em Lisboa, não em Paris.

Infelizmente, não tenho, ainda, dados sobre o mercado brasileiro. Vários trabalhos já foram feitos sobre ele, em especial decorrentes do Projeto Temático *Caminhos do romance no Brasil*, financiado pela FAPESP, e que teve como pesquisadores Márcia Abreu, Sandra Vasconcelos, Luiz Carlos Vilalta e Nelson Schapochnik. Não tive ainda condições de coordenar os artigos publicados pelo grupo. Assim, o que tenho a dizer sobre o Brasil é bem pouco, e já conhecido, mas creio que interessante para tentarmos entender o que aconteceu com os romances em português publicados na França.

Baptiste-Louis Garnier, que havia chegado no Brasil em 1844, cria, em 1852, a Livraria B.-L. Garnier do Rio de Janeiro, e se transforma no principal editor dos autores brasileiros. A maior parte dos livros que publica foram enviados para tipografias francesas, mas a edição é brasileira.

Assim, o irmão dos proprietários da Garnier de Paris, editora que, na França, teve um papel bastante secundário na edição de romances em português, acaba por tomar posse de boa parte do mercado brasileiro, chegando mesmo a vender no Rio de Janeiro, como atesta o catálogo já referido, os livros publicados em França ao longo do século<sup>13</sup>.

Em relação a Portugal creio que posso apresentar dados mais consistentes.

<sup>13</sup> Tenho poucos dados sobre este aspecto, e para os pesquisadores interessados, sugiro a leitura dos textos de Lúcia Granja, que tem se dedicado nos últimos anos a trabalhar sobre a presença da Garnier no Brasil.

Luís Sobreira (Cf. SOBEIRA, 1998), num levantamento minucioso que fez sobre a produção de romances em Portugal de 1840 a 1860, notou que a quantidade de romances originais é irrelevante se comparada à das traduções, numa situação bem próxima a dos livros que aqui estudamos. Creio, por isso, que o papel das traduções é fundamental para entendermos o funcionamento do mercado literário *em português* do romance, em especial na primeira metade do século.

Gonçalves Rodrigues publicou um livro que poderá ser muito útil para esta questão: *A tradução em Portugal*. Nele o autor tentou resenhar todas as traduções realizadas em Portugal. Incorporou, ainda, as outras traduções europeias, excluindo apenas as brasileiras. Rodrigues dividiu as traduções em várias categorias, e a primeira delas, *Novelística*, corresponde aproximadamente ao universo de livros que pesquisamos.

Assim julguei que seria relevante elaborar um gráfico a partir dos dados por ele levantados, que apresento na página seguinte. Trabalhei com o período de 1800 a 1870, pois creio que ele é suficiente para entendermos o que ocorreu com a produção francesa.

Como vemos, provavelmente devido à instabilidade política que marcou o país, a quantidade de traduções é muito oscilante até meados dos anos 30, e passou por um período de produção muito pequena entre 24 e 34.

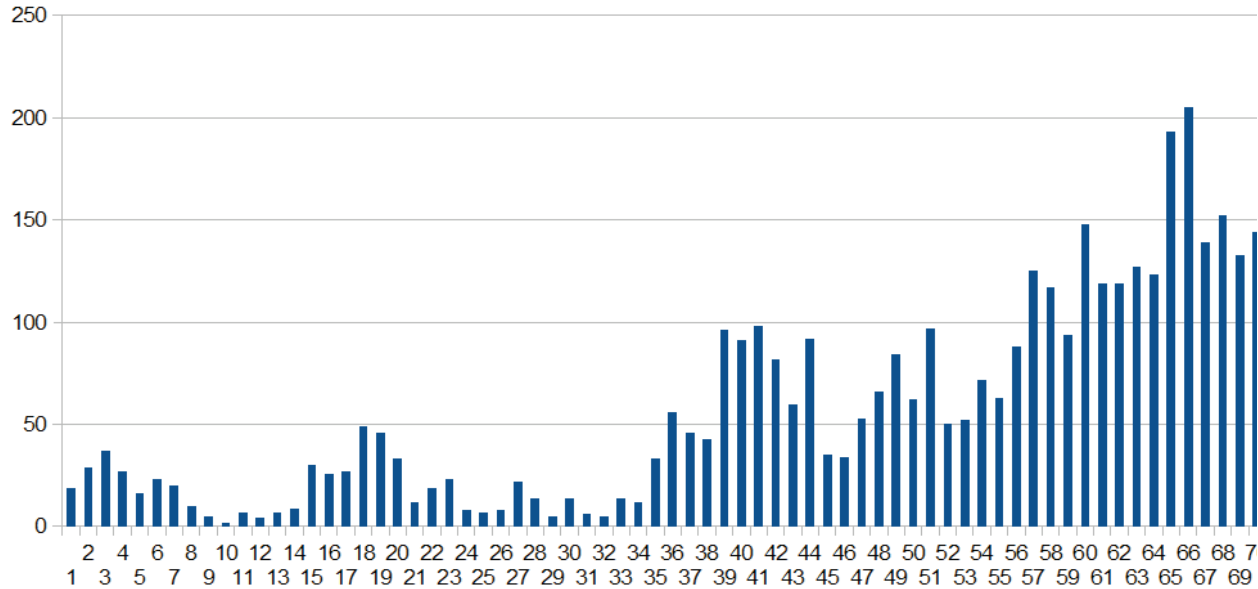
Só com o fim da guerra civil em Portugal é que começa uma produção mais regular, com números, em geral, entre 50 e cem traduções de 1839 a 1856, e acima de 100 depois deste ano.

No primeiro período, de instabilidade, Paris ocupa um papel importante nesse mercado. Em 30, por exemplo, ano de grande produção de traduções na capital francesa, entre elas a segunda edição de *D. Quixote* em português (Cf. CABELO, 2010), das quatorze traduções apontadas por Gonçalves Rodrigues, sete foram publicadas em Lisboa, seis na França e uma na Inglaterra. Durante o auge da produção francesa, de 1836 a 1838, a quantidade de traduções em Portugal, mesmo que mais significativa, ainda é pequena, no total 96 títulos, e Paris com as suas 40 traduções ainda tem importância.

Estes dados corroboram o que foi apontado por Diana Cooper-Richet

No início do século XIX, o mundo lusófono vive uma profunda mudança. Em Portugal, a guerra contra Napoleão I e depois, em 1807, a partida da Família

**Gráfico 2**  
**Traduções A1 (Novelística) publicadas e**  
**1801 a 1870**



**Traduções A1 (Novelística) publicadas e 1801 a 1870 Anos**



Real de Bragança para a sua colônia do outro lado do Atlântico. No Brasil, a luta a favor e, em seguida, a independência em 1822, acompanhada por uma modernização política e o surgimento de elites cultas e progressistas, ávidas de leitura. No entanto, os mercados portugueses e brasileiros ainda estavam longe de cobrir suas necessidades de impressos. (...) Para todos esses leitores de origens diversas, Paris está, nas primeiras décadas do século XIX, na encruzilhada de todas as línguas e todas as culturas. Foi por essa razão que livros e periódicos em português serão ali publicados e vendidos. (COOPER-RICHET, jul/dez 2009, p.541)

A partir dos anos 40, porém, com o crescimento das traduções em Portugal, Paris perde espaço. Em 1851, por exemplo, ano de maior produção depois do triênio 1836-1838, os 9 volumes lançados na França são irrelevantes se comparados com os 88 publicados em Portugal. A história deste curioso fracasso das edições francesas merece ser melhor analisado. A ele dedicarei o parco espaço que me resta.

### Paris não é Rio nem Lisboa...

Se analisamos o papel das várias editoras que publicaram narrativas ficcionais em português até a década de 60 podemos notar alguns aspectos interessantes.

Até 1829, quatro casas editoriais - Barrois, Bobée e J Tastu e J Smith - dominam esse mercado, com 16 romances publicados, e depois disso param de nele atuar. Como elas continuam a publicar depois desse período em outros campos - J. Smith, por exemplo, tendo publicado, até os anos 30, livros em português, italiano, espanhol e inglês, centrará nesta última opção as suas publicações em língua estrangeira após esta data – talvez elas tenham percebido que o mercado de romances em português não era, enfim, muito promissor.

**Em 30, entram nesse mercado duas novas editoras: Pillet<sup>14</sup> e Aillaud<sup>15</sup>.** As duas vão ser responsáveis pela maior parte dos romances publi-

<sup>14</sup> De 1830 a 1848 a editora utiliza a designação **Pillet Aîné**. De 1848 até 1860, ano do último romance em português publicado por esta casa publicadora, passará a utilizar *Pillet fils Aîné*.

<sup>15</sup> A editora surge como J. P. Aillaud. Em 1855 passa a se designar como V<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Monlon e C<sup>a</sup>, e, a partir de 1864, V<sup>a</sup> J.-P. Aillaud, Guillard. Em 1882 transforma-se em Guillard, Aillaud e C<sup>a</sup>, nome que utilizará até o fim do século.

cados até 1836, ano em que aparece a Baeulé et Jubin. Esta publicará 9 livros até 1839, e, depois disso, deixará de atuar neste nicho.

Em 1840 surgirá a editora que efetivamente virá a disputar o estreito mercado das narrativas ficcionais em português com as duas antes citadas: Pommeret et Guénot que, a partir de 1848, passará a se designar Pommeret et Moreau. Não tenho aqui o espaço necessário para me alongar sobre as diversas estratégias que essas três editoras adotaram. Gostaria apenas de apontar que entre 1840 e 1855, ano do último romance publicado pela Pommeret, elas foram responsáveis pela publicação de 56 livros – 30 pela Pommeret, 20 pela Pillet e 6 pela Aillaud. O fim da atuação da primeira destas editoras marcará, também, o ocaso das publicações das narrativas em português. Um ocaso, porém, que durará todo o restante do século. Como explicar essa persistência?

Não sei se é possível responder a essa pergunta com os dados que hoje tenho, mas creio ser possível pelo menos formular uma hipótese. Julgo que os livros franceses representam um complemento do que era publicado em Portugal – e talvez no Brasil, o que só poderei ter certeza quando souber mais sobre as publicações brasileiras. No início da aventura – até os anos 40 – há, claramente, uma tentativa de publicar as mais diferentes obras, em muitos casos reeditando traduções que já haviam saído em Portugal ou no Rio de Janeiro. Assim, apenas a título de exemplo, primeiro Teophilo Barrois Filho e depois Pillet Ainé republicam, no período, as traduções de *Historia de Gil Braz de Santilhana* e de *Paulo e Virgínia*. A primeira havia saído em Lisboa em 1812 pela Viúva Bertrand e Filhos e foi republicada pelas duas editoras parisienses respectivamente em 1819 e 1837, a segunda havia sido publicada pela Imprensa Régia, em 1811, no Rio de Janeiro, e saiu em Paris por essas duas editoras respectivamente em 1818 e 1834, transformando-se, ao longo do século, no livro mais vezes reeditado<sup>16</sup>.

A partir da década de 40 parece-me que a publicação se especializa. Se não tenho como aqui desenvolver esse aspecto, gostaria de notar que os autores

<sup>16</sup> O livro teve sete edições: a já referida de Theofilo Barrois filho (1818), três pela Pillet Ainé (1834, 1847 e 1855) e outras três pela Garnier (1872, 1878 e 1882). Pelas pesquisas que fiz a Pillet Ainé passou a publicar, a partir dos anos 30, alguns dos livros anteriormente publicados pela Theofilo Barrois filho. Quanto a Pillet Ainé deixou de atuar neste mercado, o que ocorreu em 1860 – ela continuou atuante até o fim dos anos 70, mas se especializou na publicação de catálogos de vendas – alguns de seus livros foram republicados pela Garnier.

mais publicados em Portugal nos anos 40 e 50 – Alexandre Dumas e Eugênio Sue – são praticamente ignorados pelos editores parisienses – apenas um livro do primeiro foi publicado em Paris: *A Condessa de Charny*. Por outro lado, um escritor importante, mas até então pouco traduzido, Walter Scott, teve sete de seus livros traduzidos naquela cidade. Tudo parece indicar que os editores tentavam ocupar os nichos ainda não explorados pelas traduções portuguesas e provavelmente brasileiras, algumas vezes com acertos, outras com fracassos – como mostra o total desaparecimento da Pommeret que depois de 1855 passa a publicar só livros em francês, e desaparece na década seguinte.

À guisa de breve conclusão, gostaria de apontar que o estudo das narrativas ficcionais em português publicadas na França, no século XIX, é especialmente interessante, pois permite verificar, de forma concreta, como os vários mercados editoriais do período estavam interligados e como, diferentemente do que indiquei no início deste artigo, concordando então com Moretti, nem sempre Paris e Londres ocupam um papel central. No caso do mercado romanesco em português os dois centros são Rio de Janeiro e Lisboa. Nesse nicho das edições oitocentistas, Paris ocupa um espaço secundário, e o estudo das publicações ali realizadas pode, como tentei apontar, gerar várias questões instigantes para tentar entendermos a trajetória do romance nos países de língua portuguesa.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADA, Francisco Ladislau Alvares d'. *Historia de José de Faro ou o mercador ambulante*. Londres: Bingham, 1832. Disponível em: <http://books.google.fr/books?id=MptAAAAAMAAJ>. Acesso em 27 dez. 2013.
- ANSELMO, Artur. (A) Edição romântica. In: BUESCU, Helena Carvalhão. *Dicionário do romantismo literário português*. Lisboa: Caminho, 1997. p. 157-163.
- CABELO, Sílvia. A tradução tardia do Quixote em Portugal. *TradTerm*, n.16, p. 193-216, 2010. *Catálogo da Livraria de B. L. Garnier*. In: ROCHA, Justiniano José da. *Compêndio de história universal* vol. II. Rio de Janeiro: Typ. do Regenerador, 1860. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01397720#page/7/mode/1up>. Acesso em 27 dez. 2013.

- Catálogo dos livros da Biblioteca Fluminense*. Rio de Janeiro: 1866, Typographia Thevenet. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or1292572/or1292572.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1292572/or1292572.pdf). Acesso em 27 dez. 2013.
- COOPER-RICHET, Diana. Paris, carrefour des langues et de cultures: Édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIXe siècle. *Histoire et civilisation du livre*, Paris, n.5, p. 121-143, 2009.
- \_\_\_\_\_. Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX? *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 25, n. 42, p.539-555, jul/dez 2009.
- Correio Official de Goyaz*. Typographia Provincial, 20 jan. 1875.
- Flibusteiros ou aventuras do capitão Caldeira (Os)* Paris: Pommeret e Morreau, 1851.
- LESAGE. *Les aventures de monsieur Robert Chevalier dit de Beauchene, Capitaine des flibustiers dans la Nouvelle France*. Paris: Etienne Ganeau, 1732.
- FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- RAMOS, Vitor. *A edição de língua portuguesa em França (1800-1850)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- RODRIGUES, A. Gonçalves. *A tradução em Portugal*. 1495-1834. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A tradução em Portugal*. 1835-1850. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A tradução em Portugal*. 1851-1870. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1993.
- SILVA, Inocêncio Francisco. *Dicionário bibliográfico português*. Vol 2. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário bibliográfico português*. Vol 4. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário bibliográfico português*. Vol 7. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862.
- SILVA, Inocêncio Francisco, ARANHA, Brito. *Dicionário bibliográfico português*. Vol 12. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884.
- SOBREIRA, Luís. *Uma Imagem do Campo Literário Português no Período Romântico, contributo para a história da literatura produzida em Portugal entre 1840 e 1860*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.
- YEE, Raquel da Silva, LIMA, Ronaldo. Caetano Lopes de Moura. In: *Dicionário de tradutores literários do Brasil*. Florianópolis: Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, s.d. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/CaetanoLopesdeMoura.htm>. Acesso em 27 dez. 2013.